

Um olhar sobre o Rio

Nuno Vasconcellos



Coluna publicada aos
DOMINGOS

umolharsobreorio@odia.com.br

odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/
um-olhar-sobre-o-rio

CARIOCAS

MIREM-SE NO EXEMPLO DO MISTER

Passsei a prestar atenção ao estilo vitorioso do treinador Jorge Jesus antes, imagino, da maioria dos torcedores brasileiros. Português de nascimento, nunca escondi que tenho pelo Benfica, de Lisboa, uma paixão semelhante à que desenvolvi pelo Flamengo na terra que me acolheu e adotou: o Brasil e, em especial, o Rio de Janeiro. Com o Benfica, o Mister, como é chamado, foi tricampeão português e levantou por seis vezes a Taça da Liga de Portugal (a equivalente lusa da Copa do Brasil). Lá, como se tornaria aqui, era reconhecido e admirado mesmo pelos que não torciam pelo time dirigido por ele.

Assim que Jesus chegou ao Brasil, em junho do ano passado, não tive dúvida de que o técnico conduziria o Flamengo a uma era de conquistas. Não porque, a despeito do nome, seja capaz de milagres.

O que ele nos ensina é que as conquistas são consequência de um trabalho incessante. O que ele tem de mais inovador é a capacidade de organizar os atletas de forma clara, objetiva e eficaz, definindo o papel que leva cada um a contribuir para a construção da vitória coletiva.

Pensando na força que um líder como ele foi capaz de dar ao Flamengo, é inevitável imaginar que o Rio de Janeiro tem muito a ganhar caso a população escolha para prefeito, nas eleições deste ano, um líder com as características de Jorge Jesus. Ou seja, alguém que saiba exatamente o

que fazer para livrar a cidade do risco de cair para a segunda divisão e dar a ela os títulos que merece.

Assim como o Mister sabia o que fazer quando assumiu o Flamengo, o prefeito que assumir o comando do Rio no dia 1º de janeiro de 2021, precisa ter o compromisso com a obrigação de devolver ao Rio, um lugar belíssimo por natureza, a condição de uma das melhores metrópoles do mundo. Um lugar que ficou conhecido como Cidade Maravilhosa não só pela riqueza natural que a cerca, mas pela alegria e alto astral de seus moradores.

No Rio, a zeladoria — ou seja, os recursos aplicados na conservação da cidade — não podem ser vistos como custo, mas como investimento. A varrição das ruas, a recuperação das calçadas e a manutenção dos parques e jardins são investimentos que, ao lado da segurança, estimulam uma das maiores voca-



ções de geração de renda na cidade: o turismo. Uma indústria de turismo ativa, bancada pelo capital privado sob orientação da prefeitura, estimula investimentos na produção artística, na indústria do entretenimento, na gastronomia e em tudo que gira em torno dessa força produtiva conhecida como economia da cultura.

Outra vocação do Rio é ter um papel relevante na vida financeira do país. A prefeitura pode perfeitamente liderar um programa de estímulo à instalação

“O Rio tem a ganhar se escolher um prefeito com as características de Jorge Jesus”

de fintechs (que são os bancos da era digital) e de outras iniciativas no mundo da tecnologia da informação. Ou seja: um olhar inovador da administração pública pode encontrar naquilo que hoje é visto como problema a solução que trará o otimismo de volta ao Rio.

As condições estão aí. Se os pré-candidatos à prefeitura do Rio aceitarem um conselho, dado com a humildade de quem, não tendo nascido aqui, escolheu esta cidade como sua, é o de investir na alegria e na autoestima do carioca. Mais do que uma característica do povo, esse é um recurso a ser utilizado em benefício da cidade.

OPINIÃO

Para onde olho



Gabriel Chalista
professor e escritor

Faz algum tempo que estou por aqui. Sou bem tratada. Médicos e enfermeiros se desdobram para que eu volte a ser quem, um dia, eu fui. As doenças nos interrompem. Nos trazem pausas. E algumas podem nos levar. Não. Ainda não quero ir. Tenho muito para ver. Gosto de ver a vida que passa por mim. Gosto dos meus. Ficam, meus filhos e netos, disputando quem é capaz de me fazer sorrir mais. Gosto dos risos, embora tenha me acostumado a chorar. Viver é se equilibrar nesses dois passos. A dor e a alegria.

Olho para os lados e vejo os aparelhos ligados. Não entendo muito. Mas confio. Do que entendo, fico calma. Das pessoas. Cada um que, de mim, se aproxima traz um olhar bom de quem sabe que preciso deles para voltar a caminhar com os meus próprios pés. Mesmo que mais vagarosos. Mas, ainda assim, meus.

Quando durmo, sonho. Quando acordo, prossigo sonhando. Não sou uma mulher de desistências. Enfrento as doenças como enfrento os pessimismos. Vou adiante. Lutando com a braveza que desenvolvi em tantos embates. Acho graça, quando dizem que basta me virar para o lado direito que me acalmo e adormeço sorrindo. Sabem nada das minhas razões. Eu conto.

“Olho para os lados e vejo os aparelhos ligados. Não entendo muito. Mas confio”

Sou uma mulher que cultiva a gratidão. E que dialoga a gratidão com a saudade. Meu marido se foi há algum tempo. Que marido tive! Que homem único! Um cultuador das delicadezas, um romântico em ação ininterrupta, um amor que não se encontra, a não ser por bênçãos. Fui abençoada, desde os primeiros toques. Fui abençoada, também, nos choros. Perdemos

vidas que, juntos, geramos. Dois filhos se foram, enquanto chorávamos a incompreensão. Juntos, nos amando no pranto. Juntos, nos amando em noites em que o tempo não foi capaz de suspender as emoções. Era ele um menino, aos oitenta. Posso garantir. E querem saber por que eu me pacifico, quando me colocam deitada pelo lado direito? Falo sem cerimônias. Era assim que dormíamos. Eu gostava de dormir, enquanto o via. Nos fitávamos enlaçados. Nos encostávamos com tatos delicados de boa noite. E, assim, os meus olhos intervalavam a sua face descansada com o sono que ia me conduzindo. E, assim, mais um dia se despedia.

E o que chegava nos encontrava com o mesmo sentir. Seu beijo matinal me fazia relembrar o gosto bom da vida. E, juntos, nos levantávamos para enfrentar o dia. Foram anos, foram décadas de um olhar assim. Agora, ele não mais está. Mas, se perguntam para onde olho, respondo, “para o lado que me lembra o quanto de belo tenho para lembrar. E que me ensina que, ao lembrar do que foi, fico mais forte para querer continuar a olhar”.

Minha neta sorri para mim, quando

pergunto sobre a data do casamento. Ela e o noivo me querem no altar. Eu também quero estar. Esperam a minha recuperação para estar com eles. Minha bisneta já fala da formatura. Eu quero estar, também. Eu vou estar.

Meus dois filhos brincam, querendo saber quem é o mais amado. Ora, meu coração - que já mostrou à doença que é mais forte do que ela - é aconchegante o suficiente para irrigar sentimentos suficientes para envolver os dois, frutos do meu amor. Os dois que permaneceram comigo no entardecer da minha vida. Que fique claro que, quando falo em entardecer, não falo em despedida. Não te-

“E, juntos, nos levantávamos para enfrentar o dia. Foram décadas de um olhar assim”

nho pressa nenhuma de partir. Gosto do que construí e sou grata por me sentir tão amada.

Parece estranho precisar que outros nos deem banho, que outros nos mudem de um lugar para o outro. Parece e é. O bom é não precisar adoeecer. Mas, nesses momentos de fragilidade, nos lembramos também de que é assim o viver. Uma troca. Um ajudar

contínuo. Uma paciente entrega.

Acordei, hoje, pensando no meu marido. Pensar nele não dói. O tempo foi transformando sua ausência em uma presença constante de amor. Ele está junto de Deus, eu sei. E de lá, ele olha por mim. E continua me amando. E mais não vou dizer.

Os mistérios desafiam os que acham que sabem tudo. Não preciso saber, preciso sentir e, sentindo, acreditar.

Uma moça que faz a limpeza do quarto onde estou, invariavelmente, me olha e faz uma oração. No domingo passado, foi o dia da mulher. Meus filhos entregaram doces, flores de chocolate em gratidão ao que fazem por mim. Ela, também, ganhou. E chorou de emoção. E cantou um canto religioso pedindo bênçãos. Assim vou passando esses dias. Entre sons e sonhos, lembrando o ontem e desejando estar nos amanhã daqueles que amo e que, de mim, cuidam sem reclamar.

Estava sonolenta olhando para o lado que gosto, quando ouvi os meus netos disputando para ver quem dormiria comigo naquela noite. A isso, dou o nome de felicidade; o resto, o tempo, os médicos, resolvem. E Deus, naturalmente, a Quem agradeço todos os dias por dias tão bons.

O DIA DISQUE REDAÇÃO: 2222-8069 E 98921-1888

ASSINATURA E CENTRAL DE ATENDIMENTO AO LEITOR: 2222-8600

PRESIDENTE
Luiz Alberto Albuquerque

DIRETORA DE REDAÇÃO
Carla Alves

EDITOR-CHEFE
Alexandre Medeiros

DEPARTAMENTOS:
Agência O DIA: E-mail: agencia@odia.com.br. Venda de fotos e textos: 2222-8021, 2222-8560 e 2222-8265
Fax Diretoria: 2507-1038

Parque Gráfico: 3891-6000. Av. Dom Hélder Câmara, 164 Benfica **Gerência Industrial:** 3891-6002 **Gerência de Circulação e Logística:** 3891-6005
Preço de venda em banca: RJ, MG, SP e ES: R\$ 1,50 (dias úteis) e R\$ 3 (domingos). Distrito Federal: R\$ 3,60 (dias úteis) R\$ 4,40 (domingos). Demais estados: R\$ 4,20 (dias úteis) R\$ 5,10 (domingos)

Exemplares atrasados: Capital: Preço de capa - Demais localidades: preço de capa + postagem. Mais informações: Tels: (21) 2222-8086/2222-8136 - Central de Promoções - Av. Dom Hélder Câmara 164 Benfica, (Parque Gráfico O DIA) - das 9h às 17h.

São Paulo: Avenida Irajá 300 - Sala 306 - Indianópolis. CEP: 04082-000. Tels: 11 94704-2393 / 11 99623-7645 / 11 99973-8313

Brasília: Tel: (61) 98112-2227.

Promoções: promocoos@odia.com.br

Classificados: 2532-5000 - De 2ª a 5ª das 9 às 18h e 6ª das 9h às 19h. Todos os cadernos de classificados somente circulam na cidade do Rio e no Grande Rio.

Anúncios de Noticiário: 2222-8338 / 2222-8631 / 2222-8388. Anúncios para o Interior: 2222-8279 - Negociações com agência: 2222-8388 Outros estados: 2222-8279 - De 2ª a 6ª, das 10h às 18h. Atendimento ao jornalista: 3891-6012 - De 2ª a 6ª, das 8h às 12h30 e das 13h30 às 17h.
Editora O DIA LTDA. Rua dos Inválidos 198, 2ª andar, Lapa - CEP: 20.231-048 - Rio de Janeiro - RJ.

O DIA é filiado ao Instituto Verificador de Circulação (IVC).